



A Illustração Portuguesa
SEMANARIO
REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; G. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palma Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Azulay;—*Lagrimas*, versos, por D. Eliza de Mattos;—*O Estudo Camoneano do Sr. Brito Aranha*, por Pinheiro Chagas;—*Na Avenida*, por D. Guiomar Torrezão;—*O primeiro beijo*, conto, por José Maria da Costa;—*Os berrões*, versos, por Alberto Osorio de Castro;—*D. Beatriz de Portugal*, por Alberto Pimentel;—*O prego (causa celebre)*, trad. de Alfredo Gallis;—*Dignidade*, conto, (conclusão) por D. Adelina Samora de Almeida;—*As nossas gravuras*;—*Em familia (Passatempos)*;—*Um conselho por semana*;—*A rir*.

GRAVURAS:—*Francisco Goullard*;—*Sant'Anna de Vasconcellos*, (visconde das Nogueiras);—*Nero contemplando o cadaver de Agrippina*;—*Modas*;—*Praia do Mexilhoeiro*, *Bocca do inferno*.

rinhas, a quem os austeros papás não permitem o espectáculo pittoresco e quiçá philosophico da loucura humana *posta a descoberto* sob o pretexto de uma mascara, e a que conveio chamar—o carnaval,

CHRONICA

A' hora em que escrevemos, fronte formosissimas de mulheres jovens se erguem para o infinito azul dos ceos, perscrutadoras e anciosas. E' que as folhas publicas põem notas picantes de curiosidade nos seus noticiarios apparatusos, descrevendo *in mente* as correrias desvairadas dos carros triumphaes do deus Momo na Avenida: e ellas, as gentis patricias, imploram dos ceos azulados um rasgo de *coquetterie*—não mais agua.

Como a alegria de milhares de pessoas depende de um raio de sol! E sem elle, os trajes phantasistas ou historicos parecerão funebres, mergulhados no tom cinzento do nevoeiro desolador e triste das frias tardes de inverno.

Bem sabemos que os felizes dodivanas que se bisnagam mutuamente sob a luz crua do gaz, nos bailes, pouco se lhes dá que o carnaval nas ruas corra alegre, festival, brincão, porque dormem quasi todo o santissimo dia; mas advogamos a causa d'essas gentis creatu-



FRANCISCO GOULLARD

Fallamos d'essas cabecinhas louras, levemente empoadas, que vão reclinar-se á noite sob o travesseiro, sonhando angelicamente com um cartucho de tremoços para o dia seguinte, como o *delirium* da orgia carnava-

lesca. São esses louros cherubins, com as suas tremoçadas innocentes e as suas risadas traquinas, os que perpetuam o carnaval, embebendo-lhe no longo rasto tradicional os costumes dos povos.

Logar pois aos que se divertem, porque o mais não vale uma pãda, como mandou escrever Sardanapalo sobre o tumulto.

Quando tantos vaticinistas de medonho aspecto e peor figado, nos mettem em susto, ao romper de todas as alvoradas, com o que vae por Caminha, Vieira e Braga, de *meetings* e abaixo-assignados, com que tencionam aluir o governo, seja-nos licito dançar uma polka sobre esse medonho vulcão politico, como dizia, em circumstancias não menos graves, certo homem politico da França.

Bem basta o frio que nos corta como o gume de espadas; a perspectiva desoladora das *casas demutuo*; e por ultimo, ao bater-nos nas faces descoradas de peninsulares decadentes, á saída do theatro, o beijo gelido da madrugada de quarta feira de cinza, entrarmos a contas com a igreja e o seu terrivel: *memento homo*.

Ah! a igreja! Como esta palavra sonora e grave como o canto gregoriano nos faz bailar diante dos olhos a figura insinuante e triste do sr. P. João Rebelo de Menezes, arcebispo de Larissa!

Pobre prelado! Nem ao menos lhe resta o recurso epistolar para o *Campeão* da sua localidade, descompondo as duas casas do parlamento, como faz o nobre e arrogante sogro do sr. presidente do conselho.

—Que desgraça de não poder ter um genro! murmurará, nos seus passeios febris atravez do claustro, o arcebispo.

Só na terra, com o peso da sua immensa circular sobre os hombros episcopaes, elle não encontrou um cyrinéo que o ajudasse a levar aquella maçada ao calvario.

E dos seus labios pallidos de unguido do Senhor, cae um sorriso de bondade summa, sentindo rumorejar no ar a questão do celibato do clero, posta novamente na tela rubra da discussão pelo celebre padre Jacintho Loyson, e resolvida no fóro civil pelos tribunaes superiores da França.

E subindo nas tradições da igreja, elle encontra, nos doces e primitivos tempos do christianismo, padres e bispos que podiam ter, sem escandalo das almas crentes, essa preciosidade hoje indispensavel a todo o ente humano que se eleva ás regiões luminosas do poder ecclesiastico ou civil — um genro!

Ah! como deve olhar com profunda magua para a longa serie dos annos idos, o auctor da circular que fez tremer Lamego, tornando esta cidade duas vezes celebre — pelas antigas côrtes, tão discutidas, e pelo seu moderno arcebispo.

A opulenta cidade do Porto contribue para a chronica mundana com dois faiscentes acontecimentos, que lhe dão mais uma vez a supremacia no norte do paiz.

No mundo onde ninguem se aborrece e onde ha caudas de rendas e leques de marfim, a formosa cidade da Virgem sustenta a sua opera italiana, abre os seus salões mais aristocraticos, mantem o seu *sport*, e funda, com entusiasmo dispendioso e digno de um caloroso elogio, o seu *Club dos Tenentes do Diabo*, o *clou* do carnaval d'este anno.

Tudo quanto a animação, o prazer, a boa sociedade, o gosto, a distincção, as alegrias doidas e o dinheiro podem produzir e inspirar, se enfeixa n'esse titulo de guerra, diabolico, infernal, que resôa como um clarim de batalha, que estala como uma rolha de champagne,

que electrisa como uma gargalhada solta por labios vermelhos de mulher — *Tenentes do Diabo!*

O outro acontecimento que deslumbra o Porto n'este instante, é a brilhantissima exposição da ceramica das Caldas, levada a cabo, com um prodigio de gosto e de ornamentação, pelo nosso festejado Bordallo Pinheiro.

Bordallo — esta gloria nacional, foi acolhido e festejado por todos os homens que sentem palpitar-lhes dentro do peito a generosa esperanza da revivescencia nacional pela industria e pela arte.

A arte, eis a soberba deusa, cujo carro triumphal é necessario que sigam todos os que tæem uma gotta de sangue, um sopro de vida, um scentelha de talento, para offerecer em holocausto á patria na manhã esplendorosa do porvir que renasce.

AZULAY.

LAGRIMAS

A' GENTIL CRIANCINHA

MARIA LUIZA DE SOUSA BARROS

Não acordeis as timidas crianças
No pequenino tumulto risonho.

(Arte de D. João.)

Ha tanto frio na terra!
Mas papá que tenho eu?
Deve o ceu estar mais quente:
Adeus mamã. Vou pr'o ceu.

E do azul veio uma estrella,
Levou a preza n'um raio.
Deu-lhe um beijo perfumado
Como as auroras de maio.

Eil-a morta, desmaiada,
Fria, inerte, o labio mudo:
Parece um lyrio n-vado
N'um estojo de veludo.

O rouxinol das balseiras
Já não canta de manhã.
Chorae roseiras do val,
Que morreu a vossa irmã.

Voae mais baixo andorinhas
E colybris d'azas côr de ouro:
Morreu a vossa irmansinha,
Um pequenino thesouro

Vinde assistir lhe ao enterro
E cantar-lhe em serenadas
As orações que entoaes
Ao despontar da alvorada.

Segui a depois ao espaço,
As paragens luminosas
Onde as violetas não murcham,
Onde vivem sempre as rosas.

Loulé, 27-1-88.

ELISA DE MATTOS.

O ESTUDO CAMONEANO DO SR. BRITO ARANHA

I

Acaba de publicar o nosso incançavel collega, o sr. Brito Aranha, o 14.º volume do *Diccionario Bibliographico*, 7.º do *Supplemento* e 5.º dos que são devidos a pena d'este erudito investigador. Consagrado exclusivamente este volume á biographia e

bibliographia camõesiana, é extremamente curioso p dendo-se dizer o mais completo repositório de noticias a respeito do grande poeta. Seguiremos passo a passo o trabalho do sr. Brito Aranha, commentando-o, não nos eximindo á critica, sempre que nos parecer que ella se torna necessaria, e não regateando o elogio quando elle venha bem cabido, e desde já podemos asseverar que é sobretudo largo elogio o que esta obra verdadeiramente monumental reclama.

Encetemos a nossa tarefa.

Começa o sr. Brito Aranha por dar conta das polemicas que por mais de uma vez se travaram ácerca da naturalidade do poeta, e de se saber se elle foi ou não filho de Alemquer.

Devemos confessar que a respeito da affirmação, feita por alguns estudiosos, de que Luiz de Camões nascera em Alemquer, sou perfeitamente da opinião de Faria e Sousa, que fazia uma troça redonda aos que acceitavam essa opinião. Cada vez me parece mais impossivel que se sustentasse a serio semelhante despropósito.

O soneto que serve de base aos que advogam esta opinião, é o famoso soneto C, que consideram como auto-biographico, e em que o poeta affirma do modo mais cathorico, portanto, que nasceu em Alemquer.

O soneto é o seguinte:

No mundo poucos annos e cançados
Vivi, cheios de vil miseria e dura;
Foi-me tão cedo a luz do dia escura
Que não vi cinco lustros acabados.

Corri terras e mares afastados,
Buscando á vida algum remedio ou cura,
Mas aquillo que em fim não dá ventura,
Não o dão os trabalhos arriscados.

Creou-me Portugal na verde e cara
Patria minha Alemquer, mas ar corrupto,
Que n'este meu terrero vaso tinha

Me faz manjar de peixes em ti, bruto
Mar que bates a Abassia fera e avara
Tão longe da ditosa patria minha.

O sr. Eduardo Vidal, que foi attrahido para esta versão, provavelmente um pouco pelo amor do paradoxo, dizia: «Creio que o poeta, embora na sua vida não tivesse tirado uma certidão de baptismo, devia saber de sciencia certa a terra onde fôra nascido.»

De certo: mas o que é verdadeiramente extraordinario é que soubesse não só onde tinha nascido, mas tambem onde tinha morrido, de que idade e onde jazia o seu corpo. Parece que o poeta tirou certidão de obito de si proprio, se não tirou certidão de baptismo.

Declara pois o poeta, n'este soneto, que nasceu em Alemquer, e que morreu antes de ter completado vinte e cinco annos, no mar da Abyssinia, sendo o seu corpo deitado á agua para ser manjar dos peixes. E' a auto-biographia mais completa de que temos conhecimento.

Os defensores d'esta theoria tanto percebem o que ha de absurdo em semelhante supposição que, para a tornarem verosimil, modificam o soneto que lhes serve de base.

Lord Strangford, o famoso ministro inglez que aconselhou el-rei D. João VI a fugir para o Brazil, era partidario de Alemquer, mas, traduzindo o famoso soneto C, desfigurou-o de tal modo que parece effectivamente justificar a sua asserção. Note-se que Strangford não precisava de razões tão fortes para modificar e alterar muito a seu talante os sonetos de Camões.

Vimos porém agora no volume do sr. Brito Aranha que outro correligionario comoniano de lord Strangford recorreu exactamente ao mesmo subterfugio. O reverendo padre Caetano de Moura Palha De'gado interpreta da seguinte forma o soneto:

«Quer dizer que pouco antes de fazer vinte e cinco annos deixou as consolações do lar, da patria e seus amores, e principiaram os trabalhos e desgraças, soffrendo um grande contratempo nos mares da Abassia, onde esteve a ponto de servir de pasto aos peixes.»

Effectivamente o maior contratempo que um homem pode soffrer é ser comido pelos peixinhos; mas, como o padre Moura percebeu que o caso era exquisito, modificou o soneto, traduzindo «me fez manjar dos peixes» per «Estive a ponto de servir de pasto aos peixes.» E' o systema de Lord Strangford.

O poeta diz:

No mundo poucos annos e cançados
Vivi, cheios de vil miseria, e dura

Isto quer dizer, no commentario do padre Moura, que passou vida regalada até proximo dos vinte e cinco annos.

Foi-me tão cedo a luz do dia escura
Que não vi cinco lustros acabados.

Vêem? O poeta passou uns poucos de annos em santo rega-hofa, como se depreheende claramente d'elle dizer «que os teve cheios de vil miseria e dura.» Não ver vinte e cinco annos aca-

bados, quer dizer que perto dos vinte e cinco annos começaram para elle os contratempos. Sinceramente não vale a pena continuar. O absurdo é tão evidente que a argumentação torna-se inutil.

N'um almanach, publicado em 1880, intitulado *Almanach Camões*, n'uma biographia humoristica do grande poeta ja nos tinhamos divertido á custa d'esta hypothese curiosissima, que Innocencio teve de combater n'umas cartas publicadas pela imprensa.

Com relação ao pai de Camões, transcreve o sr. Brito Aranha alguns documentos que provam exuberantemente que o pai do grande poeta não podia ser aquelle arruaceiro de Coimbra que se chamava Simão Vaz de Camões. Basta um dos documentos para o demonstrar. Quando o eleg-ram almotacé, disse-se na acta que era casado novamente o que não quer dizer «casado segunda vez» mas casado de fresco, de novo. Ora sabemos que Camões em 1563 já tinha 39 annos, logo não foi fructo de um casamento que n'esse anno era recentissimo.

Podemos suppor que Simão Vaz de Camões casara pela segunda vez? Tambem não podia ser, porque a primeira mulher estava viva, e tanto que ainda sobreviveu a seu filho, morto em 1580.

E' evidentissimo portanto que este Simão Vaz de Camões é simplesmente um parente e um homonymo do pai do grande poeta.

Entrando na parte bibliographica, dá-nos o sr. Brito Aranha algumas noticias interessantissimas ácerca das edições dos *Lusíadas* de 1572, reproduzindo o *fac simile* do frontispicio das duas edições. Não é tambem menos curiosa a historia do exemplar dos *Lusíadas* pertencente ao proprio Camões, e que se dizia annotado por elle.

Foi Thomaz José de Aquino o primeiro que deu noticia d'este exemplar, que pertencia então a fr. Francisco de S. Bento Borba, e logo disse que as notas não podiam ser do poeta, pela sua absoluta insignificancia.

Passou de mãos em mãos este exemplar, até que foi parar á livraria do convento de S. Bento da Sauda. Desappareceu d'alli provavelmente roubado, e estava por 1850 no Brazil, em Santa-Catharina, nas mãos de fr. João de S. B.ventura Cardoso, que, por intermedio do senador Mafra, o offereceu ao imperador do Brazil. Este recompensou largamente o doador, dando-lhe uma tabaqueira de ouro com brilhantes, condecorando-o, e fazendo com que lhe fosse concedida uma das melhores abbasias do Brazil.

Mostrou o imperador esse exemplar a José Feliciano de Castilho, que escreveu a esse respeito u na memoria destinada só ao imperador do Brazil.

N'essa memoria reconhece Castilho que effectivamente o exemplar podia ser de Luiz de Camões, porque tem no frontispicio, meio apagadas, umas palavras que parecem ser as seguintes - *Luiz de Camões, seu dono*. Observa porém Castilho que, se as palavras são essas, mais provam ainda que as notas não são de Camões, porque a letra em que estas estão escriptas é completamente differente da letra do frontispicio. Acontece porém ainda que, assignando sempre o poeta o seu nome da seguinte forma: *Luiz de Camões*, no frontispicio do exemplar esta escripto *Camoens*.

Recentemente, porém, o sr. Ramis Galvão, eruditissimo brasileiro, voltando a tratar do assumpto, estudou a tal famosa linha com um lente, e chegou ao seguinte resultado:

1.º Que as palavras indicadas são effectivamente *Luiz de Camões, seu dono*;

2.º Que o appellido do poeta está escripto *Camões* e não *Camoens*. Entre o *é* e o *s* ha porém um borrão, que foi causa do engano.

Sendo assim, este exemplar é verdadeiramente precioso. Um exemplar de uma das primeiras edições dos *Lusíadas*, e o proprio exemplar do uso do poeta!

E está infelizmente no Brazil esta verdadeira preciosidade.

Dá-nos tambem o sr. Brito Aranha o *fac simile* do frontispicio da famosa edição dos *piscos*, e outro *fac simile* da pagina onde vem a nota que valeu a edição essa alcunha.

A nota é a seguinte:

Dizia Camões:

Com estas sojugada foi Palmella,
E a piscosa Cozimbra, (1) e juntamente etc.

E os eruditos editores pozeram a seguinte nota:

«Chama piscosa, porque em certo tempo se ajunta ali grãde cãtidade de piscos para se passaré a Africa.»

Esta nota foi realmente um achado, e o que é certo é que tanto valor deu á edição, pelo disparate, que ainda ultimamente um exemplar se vendeu n'um leilão em Lisboa, por quarenta libras.

As duas edições a que o sr. Brito Aranha consagra mais desenvolvidas noticias são a edição de Thomaz José de Aquino e a edição do morgado de Matheus.

A edição de Thomaz José de Aquino deu origem a grande p

lemica travada, segundo o uso do tempo, em folhetos com a forma de cartas. Começou pela *Carta de um amigo a outro, na qual se forma juizo da edição novissima do poema dos Lusíadas do grande Luiz de Camões, que saiu á luz no anno de 1779*. Escrevera-a o padre José Clemente.

Acudio logo o editor com o folheto: *Discurso critico em que se defende a nova edição dos Lusíadas do grande Luiz de Camões, feita no anno de 1779 das accusações que contra ella publicou o author da carta de um amigo a outro, etc.*

D. José Valerio da Cruz, que foi depois bispo de Portalegre, quiz tambem entrar na contenda, e escreveu: *Camões defendido: e o editor da edição de 1779 e o censor d'esta julgados sem paixão em uma carta dada á luz por Patricio Aletophilo Misa lagão.*

Padre José Clemente respingou, escrevendo: *Juizo do juizo imparcial do moderno anonymo, o qual em vão pretendeu defender os erros da edição novissima do poema dos Lusíadas do grande poeta Luiz de Camões.*

Não ficou silencioso Thomaz de Aquino, que ainda voltou á carga, escrevendo *carta em resposta a um amigo, na qual se mostra que pela figura sgnalepha, assim como na latina, se podem elidir os diphtongos na versificação vulgar.*

Como se vé por este titulo, as questões agitadas n'esta polemica eram perfeitamente de lana caprina. Em que se haviam de entreter porém o padre José Clemente, o padre José Valerio da Cruz, e o padre Thomaz de Aquino, senão n'estas polemicas de eruditos, em que se discutia gravemente:

Entre o *jola* e o *i* romano
Que differença se achasse?

A outra edição, a que o sr. Brito Aranha consagra desenvolvimento noticia, é a edição do morgado de Matheus. Como porém o sr. Brito Aranha trata n'esse ponto de um modo completo a questão da famosa copia dos *Lusíadas*, que Fylinto Elisio dizia possuir, reservamos o assumpto para o proximo artigo.

PINHEIRO CHAGAS.

NA AVENIDA

(Notas ao correr da penna)

Um claro dia de inverno, escorrendo no banho de oiro diluido de um sol authenticamente peninsular.

O horisonte, fortemente levado do nordeste, arredonda-se em uma serena curva azulina de lapis lazzuli. Ao longe, as collinas, aveludadas de relva, mosqueadas de arvores de um verde oxidado, resaltam do fundo da tela com um vivo relevo de agua forte.

No ar limpido, onde passa um vago aroma de renovação latente, corre a nota argentina e leve dos sinos que repicam para a missa.

E' domingo, um domingo lisboeta, caracteristicamente assignalado por uma espessa e tediosa semsaboria, profundamente narcotizante.

Sabe-se da missa do Loreto, onde a opulenta burguezia vae depôr, ante o altar do pobre Christo macerado e humilde, a sua piedosa devoção hebdomadaria, os seus velludos caros e o seu *paroissien chic*.

Não raro, a amavel e inoffensiva burguezia não consegue saber de que côr era a capa do tonsurado que lhe impingiu, á pressa, o seu latim, mais ou menos claudicante, n'esse elegante templo, oficialmente consagrado pela mundanidade devota, onde o loiro revolucionario da Judeia escuta, em vez da ardente prece de uma alma atribulada, que o invoque, a Elle, o divino consolador dos tristes, o unctuoso e supremo refugio dos exilados, o *pater* distraido, de uma linda dama, perfumada a corylops do Japão, que nem sequer o vé.

Que importa? desde que ella logra ser vista e admirada, na ostentação dinheirosa das pellucias e das *fouffures*, medelando-lhe a linha flexivel e esbelta do busto marmoreo?

A essa hora, exuberante de sol, sorridente de verduras orvalhadas, vibrante do frescor matinal, a Avenida dormita no solitario abandono que nem sequer se pôde definir pelo proverbio arabe: *«le chien aboie, la caravane passe»*.

Nem um latido de cão, nem um vestigio de homem!

A moda, que é tão despotica como absurda, só permite aos seus obedientes subditos que *façam a Avenida*, no periodo diurno em que a temperatura desce, o sol foge e os pobres narizes, gelados e rubros, ameaçam cair aos pés dos seus miseros proprietarios.

4 horas: um frio siberiano, cravando-se na epiderme como um agudo estylete.

Na terra, aspera e secca, as passadas resoam com uma sonoridade de crystal.

Pela rua central deslisam, em um soberbo arranque d'alto sport, os breacks e os tilburys, governados pela fina mão de readea dos snobs lisboetas.

Meninas de pallidez romantica, sublinhada pela linha *cavalière* do chapéo Directorio, estremecem desde o bico do sapato até á pluma de abestruz, na passagem d'esses Alcibiades, possuidores de um carro e de uma pareia, que elles, enthronizados na almofada, contemplam com exclusivismos de ternura, que lhes vedam contemplar-as a ellas.

Passam tambem os laudaus financeiros, tirados per Alters *pur sang*, na concha estofada dos quais se reclinam venerandas matronas constelladas de brilhantes, engastadas em zibelinas, titulares da vespera, cujo sangue, outr'ora vermelho, começa a decompor se para a transição do azul.

Bonifacio, que estreou frack do Keil e que se vangloria de conviver na alta, apruma-se e, gentelment, com uma curva de espinha *ancien régime*, saída no landau que roda, abrindo um largo sulco espectacular, o milhão que deslumbra.

Ao mesmo tempo, Bonifacio dissimula e faz vista grossa para não cumprimentar as Ferreiras, umas honestas raparigas pelintras, familia reles, que elle honra com a sua presença, aos sabba-do, trepando um ingreme quarto andar da rua dos Algibebes, só para as auxiliar no exercicio de deglutirem a classica e misera sopa. vacca e riso do arcebispo.

Em um pequenino coupé de Binder, um *ecrin* veludineo, engaste de uma perola rara, recorta-se o perfil eburneo, franjado pela sombra do cabello preto, de uma das mais elegantes mulheres que aformoseiam a primeira ordem de S. Carlos.

Ao lado, perpassa com a sua flecha reluzente, brilhando ao sol que arranca espelhamentos causticos ás ferragens de prata dos arreios, a victoria da condessa. Uma cabeça de Murillo, a d'essa olympica, que divaga, invulneravel, atravez do implacavel e desflorado outono, guardando sempre no sorriso espirituoso e no olhar dominador, a chamma da primavera.

Pelo meio das carruagens, galopa uma *ecuyère* evadida da ribalta, desenlançando o busto franzino e modelando-o correctamente sob a pressão da amazona.

Roda em seguida a victoria de Margarida Gauthier, nimbada no loiro chimico da sua petulante cabeça de peccadora galante.

No lado occidental da Avenida, um grupo de litteratos lapida um collega ausente e perpetra ditos, a proposito das senhoras que passeiam.

O conselheiro Varela, plantado á ultima restea de um sol moribundo, conversa obliquamente com um amanuense, aspirante a segundo official, e em attenção a Lola, que desdobrou a sua aza de impura sobre a efflorescente adolescencia do candidato, protegendo-o junto do seu protector, o conselheiro affirma do alto dos collarinhos hirtos e na base das botas de tres solas, que hade interessar-se ante o nobre ministro.

Entretanto, o sol descora e como que embrulha a cabeça anemica no ulster de uma nuvem cinzenta.

Folhagens de timidos arbustos embryonarios mergulham, periclitantes, na tonalidade melancolica de um crepusculo de janeiro; os lagos congelam-se; o angulo das duas estatuas assume uma dureza hostil; as collinas envolvem as cabeças desoladas em uma bruma alvacentas; as frontarias dos predios, que de manhã faiscavam, mordidas pela incandescencia do zenith, alvejam na sua brancura espectral com a funebre mudez de lousas tumulares.

—O' menina, lembra um visconde maduro, saido da ultima fornada, se te parece, vamo-nos chegando.

A viscondessa agita pomposamente a cabeça emplumada, expondo á contemplação plebeia da galeria o gesto decorativo que estudou ao espelho, desde que Sua Magestade, como diz o visconde, houve por bem agracial-os.

Aurelia, a filha dos conjugues titulares, fita, desdenhosa, a arraia miuda, assestando-lhe o *lorgnon* aristocratico.

Em um brusco relance de kaleidoscopo, apparece e desaparece uma ideal cabeça de Guido, rapidamente entrevista atravez do store de um coupé hermeticamente fechado.

Bonifacio varre o chão com o côco; não lhe correspondem, e Bonifacio morde o labio.

Um amigo, quasi tão prudhomesco como elle, arrepia o bigode, e arrastando a phrase, diz-lhe, á queima roupa:

—O' filho, a condessa fingiu que não te conheceu! Sabes, acrescenta, chupando um infecto charuto de vintem, estive hontem com a marquezinha!...

A noute avizinha-se.

A Avenida despvoa-se.

As Juliettas da baixa atiram o ultimo olhar saudoso aos Romeus e caminham, tic toc, em demanda do cozido.

Conselheiro Varela descarta-se do amanuense, chama um trem de praça e manda bater, em um vô amoroso desferido por duas pilecas, para a estancia da Lola.

Acabou-se o domingo diurno, vai começar, attenção meus senhores, vai começar o domingo nocturno.

E no glu glu monotono da agua que se escoa para o tanque, na zoada do vento da tarde varrendo as folhas seccas que esta-



SANT'ANNA E VASCONCELLOS
(Visconde das Nogueiras)

laram de baixo de todos esses pés em movimento, as duas estatuas riem uma para a outra, como os augúrios romanos, piscam o olho senil e concluem, como Leibnitz, que este mundo é o melhor de todos os mundos possíveis.

GUE MAR TORREZÃO.

O PRIMEIRO OLHAR

Ella estava á janella quando elle passou, risonho, sereno, quasi infantil nos seus 16 annos d'edade, medindo a rua a passos largos e firmes, de operario.

Ficava-lhe tão bem o seu veston de cheviote claro e a sua calça justa! Tinha tal garbo toda a sua figura! O seu olhar franco, um nadinha espantado, era tão vivo e doce, que a Maria logo reparou n'elle. Tambem a janella não era muito alta; e a Maria tinha apenas 15 annos, apesar de parecer ter 18, tão desenvolvida e tão formosa era. Um encanto.

Os dois entreolharam-se, com essa longa e acariciadora expressão que sobe d'alma. Elle, ensobrecido de se ver assim contemplado e admirado por uns olhos magnificos de rapariga; ella commovida subitamente, sem saber porque. O amor.

E á noitinha, elle tornou a passar, alegre, em rancho com os seus companheiros da officina. A Maria, á janella, conheceu-o logo, distinguio-o entre os collegas. E se o seu aspecto a tinha seduzido de manhã, agora, a voz d'elle, insinuante e argentina, arrebatou-a. Era uma voz musical, com um leve tom ainda de creança, mas de uma harmonia que lhe parecia divina.

O rapaz ergueu a cabeça para a janella e tambem conheceu logo o perfil elegante, fresco, juvenil da Maria, e sentiu-se lisongeado.

No dia seguinte de manhã, passou de novo; e ella, por acaso, tendo chegado a janella, correspondeu-lhe ao sorriso com um olhar profundo, demorado. E pareceu-lhe o rapaz ainda mais bonito do que na vespera.

A' noite, elle passou só, e de subito, parou de baixo da janella.

—Dava-me uma palavrinha, meu arjo? exclamou elle na sua voz harmoniosa.

A pequena sentiu todo o sangue subir-lhe ao rosto, e de sufocada, não respondeu.

Elle repetiu:

—Então, meu amor? Não ouviu?

—Ouvi, sim...

—Ora ainda bem! Queria-lhe dizer que a amava...

—Ah!

—E queria saber se sou correspondido...

—Como anda depressal disse ella, mais tranquilla pela encantadora familiaridade que se evolava da voz do rapaz.

—Eu cá, sou assim, tornou elle.

Repentinamente, ella debruçou-se toda e gritou-lhe espavorido:

—Fuja, que ahí vem minha mãe!

Mas no movimento brusco que fez, soltou-se-lhe um broche que trazia a pregar-lhe uma mantilha de seda azul e o broche caiu á rua. O rapaz apanhou-o rapidamente no ar, e levando-o aos labios, beijou-o com galanteria.

A Maria notou o, arrebatada. Em seguida, viu-o entrar na escada e recolheu-se com susto. Um momento depois, sentiu que alguém subia ligeiramente. O seu coração disse-lhe que era elle. E tornou-se pallida como um cadaver. Em seguida, bateram á porta.

—Quem será? exclamou da saleta a mãe, parando com o ferro de engommar e gritando:

—O' Maria, vae abrir.

E ella foi, cambaleando de emoção.

Ainda bem não tinha aberto, e já o rapaz gritava com voz forte, estendendo a mão:

—Isto é d'aquí?

Ella quiz dizer que sim, que era; mas faltou-lhe a voz, e só ponde olhar attentamente para elle. Parecia-lhe ainda mais bonito, visto de perto.

Elle, rapido, agarrou-lhe a mão pequenina e bem feita, e apertando-lh'a muito, levou-a aos labios e beijou-lh'a com frenesi. E accrescentou:

—Hade receber uma carta minha amanhã; responde.

Não ponde dizer mais porque se ouviram os passos pesados da engommadeira, que vinha saber o que havia.

O rapaz saltou, a quatro e quatro, os degraus da escada, enquanto a Maria respondia á mãe que tinha sido o broche que lhe caíra á rua, e que um visinho tinha vindo trazer.

—Estouvadal reprehenden amorosamente a engommadeira.

Desde aquelle dia começou um idyllio rijo entre os dois: cartas, mimica amorosa da janella para a rua e vice versa.

O João, que assim se chamava o operario, apenas chegou o verão, informou-se se a Maria ia aos bailes da sociedade Verdi, de que elle era socio, e soube, com infinito regosijo, que a engom-

madeira, viuva de um honrado operario, adorava os bailes, porque havia sido n'um d'elles que se tinha apaixonado pelo seu defunto marido.

Mas quem as havia de convidar? Para o amor, não ha obstaculos. O João descobriu na sociedade um socio, visinho da engommadeira, e tanto fez, que o bom homem metteu-se a diplomata junto da mãe da pequena e conseguiu que accedesse um convite, e depois outro e outro. Afinal, principiaram a ir todos os domingos.

No meio do estonteamento das valsas, o previdente rapaz encontrou ensejo de conjugar em todos os tons da escala o doce verbo amar, e foi correspondido com esse ardor que resalta da primeira paixão. Elle tambem amava pela primeira vez.

Mas a formosura attrahente da Maria, não fez somente brecha no coração d'elle; abalou a tranquillidade celibataria de um pequeno negociante estabelecido com uma vistosa mercearia na calçada de Sant'Anna. E travou-se um duello formidavel de polkas e valsas entre os dois—qual d'elles havia de dançar mais vezes com a gentil Maria, qual havia de ser mais assiduo no cerco á dama dos seus pensamentos.

O negociante, homem pratico, fallava alto do seu estabelecimento, do seu futuro, especialmente quando morresse um tio padre, que tinha na terra.

O joven operario, com menos de metade da edade do outro, não fallava senão do seu muito amor, a unica riqueza que possuia.

A Maria repelliu com dignidade o namorado intruso, quando este se abalançou a pedir-lhe que expatriasse do seu coração o operario, tão gentil, tão risonho nos seus dourados 16 annos.

Então o negociante, arripiado do despeito, fallou á mãe e pediu-lhe solemnemente a mão da Maria, fazendo dançar diante d'ella a perspectiva de um futuro risonho.

—Casando a sua filha com aquelle typol aquelle pelintra! dizia elle desdenhosamente, alludindo ao joven operario, será voremecê que os hade sustentar a ambos. Verá.

—Credol exclamava a engommadeira verdadeiramente horrorizada. Era só o que me faltava!

E como pertencia a essa escola da gente pobre, endurecida pelo trabalho, desilludida pelas privações, que só tem um norte na vida—a fortuna, o bem estar, o descanso, co-irmãos do egoismo, dispoz logo da mão da filha como se fosse da sua propria, convencida de que trabalhava para a sua felicidade.

A Maria estava inconsolavel; tudo eram choros, amuos, fastio. Só a presença do negociante, irritava a, punha-a doente dos nervos para uma semana. Quando a mãe sabia, as vizinhas, a pedido d'ella, vigiavam a filha, como dragões, de lingua em riste, promptas a cahir inexoraveis sobre qualquer acto menos digno. Ella, coitada, limitava-se a chegar á janella e a fallar a divina linguagem dos olhos com o João, mais irresistivel do que nunca.

Apesar d'ella protestar que não casaria com o negociante, elle ia tratando do enxoval e dos papeis, e principiou as suas visitas ao serão, como noivo official, visitas que se prolongavam até á meia noite.

Não podia isso convir á Maria, porque costumava de noite, depois da mãe estar deitada, ter os seus colloquios da janella abaixo com o operario. Este resolveu a difficuldade, convidando uma noite os seus amigos para um ataque em forma ao negociante. E de tal modo se houve, que o homem ganhou medo ao sitio. Como era orgulhoso, calou-se com o incidente, e dos seus labios commerciaes não resumbrou um queixume: apenas pretextou, para não comparecer mais ao serão, os seus negocios. Mas a Maria, ao facto da chronica tenebrosa, sorria-se ironicamente d'elle.

Chegou o grande dia, o terrivel dia do casamento. O socego extraordinario da pequena, edificava toda a gente.

—Ora até que enfim, a menina mostra ter juizol diziam as inevitaveis pessoas edosas.

E a rapariga, nem pio, deixando-se embonecar á vontade pelas vizinhas sollicitas.

Chegaram afinal os carros, os padrinhos, os convidados, o commercio em peso... da calçada de Sant'Anna.

Dirigiram-se para a igreja e principiou a cerimonia nupcial.

Mas quando o sacerdote perguntou á noiva, se era da sua vontade receber por esposo o negociante, um não redondo e sonoro vibrou no ar.

O padre, de espantado, até ficou com a bocca aberta durante um minuto, o sufficiente para a engommadeira-mãe ter um chlique, e para o noivo, perdido o seu aprumo commercial, explodir n'uma tremenda descompostura contra a rapariga, a que poz termo uma espantosa bofetada, puxada com alma pelo operario, nas bochechas recém barbeadas do negociante. Ao mesmo tempo, o bellicoso rapaz gritava-lhe:

—Só miseravel! Aconselho-lhe que respeite aquella que vae ser minha futura.

E caindo aos pés do padre boquiaberto, continuou: —Tomo a Deus e aos homens como testemunhas, em como recebo a Maria d'Assumpção por minha legitima esposa.

Ao que a rapariga respondeu, muito lampeira: —E eu só quero por meu marido o João!
N'este momento o padre, restabelecido finalmente do seu a



NÉRO CONTEMPLANDO O CADAVER DE AGRIPPINA

sombro, lembrou-se de desaggravar o recinto sagrado, e apontando energicamente para a porta do templo, bradou com voz de trovão:

—Tudo já no meio da rua!

E ahalou furioso para a sacristia, enquanto o sacristão empurrava para a porta noivos, padrinhos, convidados, uns a rir do escandalo, outros indignados... por terem perdido o jantar do noivado.

Seria preciso um livro para descrever a troça de que foi alvo por muito tempo o infeliz merceeiro: ella revestiu todas as formas imaginaveis da bohemia operaria, até que a engommadeira, convencendo-se de que ninguem quereria arriscar se a ter a sorte do pobre pretendente commercial, deu emfim a mão da pequena ao João, no dia em que elle foi promovido a official de officio.

Quando o padre os viu entrar na igreja, sorridentes e felizes, ajeitou-se d'elles e interrogou previamente a noiva:

—D'esta vez é por sua vontade?

Ella não respondeu, mas o seu olhar cravou-se terno, adoravel, profundo, no rosto do joven operario.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

OS BERÇOS

Cet instinct de vivre blottis
Dure encore à l'âge où nous sommes.
Pourquoi donc, si t'ôt trop petits,
Berceaux, trahissez-vous les hommes?

JOLLY PEU-HOMME.

Fui encontrar a um canto e desmanchado
N'agua furtada o meu bercinho antigo,
Onde aprendi a vêr, todo estrelado,
Igual ao outro ceu atravessado,
Da minha Mãe o doce olhar am go.

—Pobres, meigas Visões immaculadas,—
As minhas infantis Ave-Marias
Voltaram-me outra vez, em bando, aladas,
Evocando em minha alma, esvoaçadas,
Como que um morto aroma de alegrias.

Triste destino o nosso! Ter sonhado
O ceu todo n'um berço, e de repente
Achal-o estreito, inutil, acanhado,
Sem que o tempo nos fosse transformado
N'um pequenino esquite alvinitente!

(Das Verbenas).

ALBERTO OSÓRIO DE CASTRO.

D. BEATRIZ DE PORTUGAL

Todos nós fomos litterariamente educados com a *Menina e moça*, de Bernardim Ribeiro, o mavioso livro das saudades. Temos de cor, pelo menos, as primeiras palavras d'esse livro galante e cavalheiresco: «Menina e moça me levaram de casa de meu pae para longas terras...» Todos nós nos costumámos a vêr na *menina e moça* de Bernardim a infanta D. Beatriz de Portugal, filha do rei D. Manuel.

Diogo Barbosa Machado, na *Bibliotheca Lusitana*, deu curso à lenda, assignalando a fonte onde a bebera. E digo fonte para não desaproveitar um *calembourg*, por isso que se trata da *Fuente de Aganipe* de Faria e Sousa.

Por sua parte diz Barbosa Machado:

«Arrebatado de impulsos amorosos (Bernardino ou Bernardim Ribeyro) passava muitas noites entre a espessura e solidão dos bosques, explicando junto á corrente das aguas com suspiros e lagrimas, a vehemencia de paixão tão violenta que o obr gou a empregar impossiveis dedicando os seus affectos á infanta D. Beatriz, filha do serenissimo rei D. Manuel, como elegantemente o contou Manuel de Faria e Sousa...»

Costa e Silva, no *Ensaio biographico-critico*, reproduziu a lenda d'esses suppostos amores do poeta, desventurosos por designaes. Conta-nos o seu desespero quando o rei de Portugal concedeu a mão da infanta ao duque de Saboya; o seu ermar solita-

rio pela serra de Cintra, bradando ás penhas e entalhando no tronco das arvores o nome de Beatriz; finalmente, a partida do trovador para Saboya, sob o disfarce de peregrino, e o seu furtivo encontro em Saboya com D. Beatriz:

«Chegando ali depois dos trabalhos e perigos de tão longa jornada, indagou qual era a igreja onde a duqueza costumava onvirmissa, e esperando-a na porta, lhe pediu esmola quando passou. A duqueza, que logo o conheceu, apesar da differença do traje e do transtorno que as maguas e saudades haviam feito em suas feições, parou, e dando-lhe esmola, lhe disse baixo em portuguez:

—Já lá vae o tempo dos antigos galanteios.»

Segundo a versão de Costa e Silva, Bernardim Ribeiro, recolhendo á sua patria, e serra de Cintra, *ahi terminou em breve os seus dias*.

Era natural, como aconteceu, que esta antiga lenda tão profundamente sentimental se impozesse á imaginação dos escriptores portuguezes que floresceram ao tempo de fazer-se entre nós a evolução romantica.

De facto, Garrett, no canto nono do seu *Camões*, ensancha-a com felicidade na descripção de Cintra:

Tradição é que nomeado vate,
D'alta beldade mysterioso amante,
Entre as fragas erguera a mansão triste,
Onde cevou de tristes pensamentos
O coração cortado de saudades.
Saudades pelas pedras intalhadas
Se lia em caracteres bem distinctos;
E o nome de *Beatriz*, tambem gravado
Na silice do monte, lhe responde,
Como echo das enfeixas namoradas
Do cantor da soidão.

Garrett não podia esquecer o poetico episodio da partida de Bernardim Ribeiro para Italia:

Subito um dia, de bordão na dextra,
Na opa de peregrino disfarçado
Desce os montes da Lua, e mais erguidas
Serras demanda; em romar a aos Alpes
Parte, a levar o coração votado
A quem talvez, na purpura, suspira
Pelos andrajos do mendigo amante.
Vel-o-ha, o objecto de suspiros tantos,
De saudade tão longa, da romage
Devota, mas só vel-o, e adeus eterno,
E para sempre adeus!... Cruéis lhe vedam
Mais que esse adeus. Voltou á patria, e morre

Na respectiva nota da primeira edição do *Camões*, Garrett dá como factos assen.es o isolamento de Bernardim Ribeiro na serra de Cintra e a sua ida de peregrino aos Alpes. Na segunda edição, porém, revela duvidas a respeito dos derradeiros dias do poeta, dizendo que «eram a parte menos deciphrada e deciphavel do *enigma* de sua vida» e desculpando-se com ter seguido no texto do poema a tradição mais vulgar.

No *Auto de Gil Vicente*, representado com grande applauso no theatro da Rua dos Condes, Bernardim Ribeiro inspira uma dupla paixão a Paula Vicente, filha de Gil Vicente, e á infanta D. Beatriz. A dedicação de Paula pela infanta vai até ao ponto de sacrificar o seu proprio coração á paixão que a infanta nutre pelo trovador. Todo o entrecho d'esta peça inicial do moderno theatro portuguez é fornecido por um auto de Gil Vicente, de que a seu tempo nos occuparemos. O casamento da infanta realisa-se, e ella parte para Italia a bordo do galeão «*Sancta Catharina*.» Bernardim conseguiu ir a bordo dizer a ultimo adeus á infanta, mas o rei D. Manuel chega pouco depois para se despedir da filha. Bernardim encontra-se n'uma situação desesperada, receiando comprometter a infanta e Paula Vicente. Prefere morrer a desacreditar-as: precipita-se no Tejo.

O lance é de effeito para um final d'acto, que de mais a mais é o ultimo. E a responsabilidade historica de Garrett salva-se de algum modo, porque Bernardim Ribeiro pode não ter perecido no Tejo. Isto mesmo diz Garrett em nota á segunda edição do *Camões*: «Bernardim Ribeiro lança-se ao mar, no *Auto de Gil Vicente*; mas nenhum *nuncius*, nenhum *koros* veio fóra, como na comedia ou tragedia antiga, dizer ao publico. — «Bernardim Ribeiro affogou-se com effeito: *nunc plaudite*.»

Ora em uma das annotações com que o *Auto de Gil Vicente* sahiu impresso, escreveu Garrett:

«Em a nota E ao canto nono do poema «*Camões*» no 1.º vol. d'esta collecção, pag. 275, se promete illustrar o ponto d'estes amores de Bernardim Ribeiro e de sua romanescas vida. Mas não me atrevo por ora a cumprir tal promessa. Aqui atirei com elle ao mar, porque me era preciso: e o publico disse que era bem atirado. E' o que me importa. Se elle foi ou não a Saboya depois, como eu já cuidei averiguado, se andou doido pela serra de Cin-

tra, também me não atrevo a certificar.—O que parece mais certo é que não morreu de paixão, porque depois foi feito commendador da ordem de Christo, e governador de San-Jorge da Mina, onde talvez morresse de alguma carneirada: materialissimo e mui prosaico fim de tam romantica, saudosa e poetica vida.

«Aprendei aqui, ó Beatrizes d'este mundo!»

(Continúa)

ALBERTO PIMENTEL.

O PREGO

(GAUÇA CÉLEBRE)

XV

(CONCLUSÃO)

Gabriella continuou:

Casada á força com um homem a quem aborrecia, com um homem que, pelos seus defeitos fisicos e moraes, ainda mais aborrecido se me tornou depois de casado, passei tres annos de martyrio, sem amor e sem felicidade, porém resignada. Um dia que dava voltas pelo purgatorio da minha existencia buscando incessantemente uma sahida, vi passar, atravez os ferros que me encarceravam, um d'esses anjos que andam pela terra em busca das almas merecedoras do ceu.

Segurei-me á sua branca tunica e disse-lhe: Dá-me a felicidade!... e o anjo respondeu-me:

—Tu não podes já ser ditosa.

—Porque?

—Porque o não és!

Quer dizer que o inferno que até então me havia martyrisado, impedia-me de voar com aquelle anjo ao ceu do amor, da ventura.

Haverá absurdo maior que o que constituia as cadeias do meu destino?

Fallarei mais claro. Encontrára um homem digno de mim, de quem eu era digna. Amámo-nos e adorámo-nos com louco entusiasmo; porém elle, que ignorava que eu era casada, elle, que desde logo jurou casar commigo, elle, que não transigia com cousa alguma que fosse illegal ou impura, ameaçava abandonar-me se não nos casássemos.

Era um homem excepcional, um sacrario de honradez, um character severo e nobilissimo, cuja unica falta na vida consistia em me ter amado com demasia.

Iamos ter um filho; nem por isso deixou um só instante de me solicitar para sua esposa.

Tenho a certeza de que se eu lhe tivesse dito: enganei-te, não sou viuva, meu esposo vive... elle me teria abandonado, aborrecendo-me.

Inventei mil escusas, mil sophismas, e a tudo me respondia:

—Sê minha esposa.

Eu não podia sel-o!... Julgou que eu não queria, e começou a esfriar o seu dulcissimo carinho.

Que fazer?

Resisti, chorei, supliquei, porém elle, ainda depois de saber que ia nascer um filho nosso, disse-me que não voltaria a ver-me até que eu lhe concedesse a minha mão.

Pois bem; a minha mão estava vinculada á vida de um homem ruim e detestado; e entre mata-lo ou causar a desventura de meu filho, a do homem que adorava e a de mim propria, optei por arrancar a vida do que era nosso verdugo.

Matei pois o meu marido! e... castigo de Deus, o meu amante abandonou-me. Depois voltámos a encontrar-nos... Para que, meu Deus, para que? Ah, que eu morra breve, que eu morra breve!

Gabriella calou-se um momento, suffocada em lagrimas.

Zarco deixára cahir a cabeça entre as mãos e tremia como um epileptico.

—Senhor juiz, repetiu Gabriella com energia, que eu morra breve!

Zarco fez signal para que levassem a accusada.

XVI

A SENTENÇA

O magistrado venceu o homem apoz uma lucta gigantesca, d'estas que não ha palavras nem talento que a possam descrever, e Gabriella foi condemnada á morte.

No dia seguinte o processo foi remettido á consulta da Audiencia de Sevilha, e ao mesmo tempo Zarco despedia-se de mim, dizendo-me:— Espera-me até que eu volte. Cuida da infeliz, mas não a visites, pois a tua presença a humilharia em vez de conso-

lal-a. Não me perguntes aonde vou nem temas que commetta o cobarde delicto de suicidar-me. Adeus, e perdoa-me as intranquillidades que te tenho causado.

Vinte dias depois o tribunal superior confirmou a sentença de morte.

Gabriella Zahara foi posta em capella.

XVII

ULTIMA VIAGEM

Chegou a manhã da execução, sem que Zarco tivesse chegado ou se soubessem noticias d'elle.

Immenso povo aguardava a porta da prisão a sahida da sentenciada.

Eu estava entre a multidão, pois apesar de não ter visitado Gabriella no carcere, julguei do meu dever acompanhar até ao cadafalso a desditosa amante do meu infeliz amigo.

Ao vel-a, custou-me immenso a reconhecê-la.

Havia emmagrecido terrivelmente, os seus olhos já não tinham brilho; as faces lividas e coradas, e os labios sem cor, apenas tinham força para beijar o crucifixo.

—Aqui estou, senhora, disse-lhe eu quando ella passou perto de mim; posso ser-lhe util?

Cravou em mim os seus olhos amortecidos, e reconhecendo-me, exclamou: — obrigada, obrigada, que consolo o senhor me dá na minha ultima hora! Padre, acrescentou voltando-se para o sacerdote, posso dizer algumas palavras a este generoso amigo?

—Sim, minha filha, mas não deixe de pensar em Deus.

Gabriella perguntou-me então:

—E elle?

—Está ausente.

—Que Deus o faça feliz.

Quando lhe fallar diga-lhe que me perdoe, para que Deus me perdoe também, e que ainda o amo, louca e sinceramente, apesar d'este amor ser a causa da minha morte.

—Quero vel-a resignada.

—Já o estou. Que fazer? Desejo quanto antes ver-me ante Deus, para lhe pedir perdão.

—Chegámos ao pé da escada fatal.

Ali foi forçoso separarm'o-nos.

Uma lagrima, talvez a ultima, rolou pela livida face de Gabriella, ao passo que ella me segredou: Diga-lhe que morro abençoando-o.

N'aquelle momento um ruido enorme sahiu de entre a multidão, ouvindo-se distinctamente varias vozes gritar: *Perdão! Perdão!*

E pela larga rua que o povo abriu, avançou um homem a cav. llo, com um papel n'uma mão e um lenço branco na outra.

Era Zarco!

—*Perdão! Perdão!* gritava elle também.

Apeiou-se, e acompanhado do chefe da força militar, adiantou-se até ao patibulo.

Gabriella, que havia já subido alguns degraus, parou, olhou intensamente para o seu amante, e murmurou:

—Bámdito sejas!

Em seguida perdeu os sentidos.

Lido o perdão e legalizado o acto, o sacerdote e Zarco correram a desatar as mãos da indultada.

Porém toda a piedade era já inutil...

Gabriella Zahara estava morta.

TRAD. D'ALFREDO GALLIS.

AS NOSSAS GRAVURAS

FRANCISCO GOULLARD

Nasceu a 18 de junho de 1832 em S. Florin, cantão de Anjou, departamento de Haute-Loire. (França).

Na idade de 9 annos veio para Lisboa, onde começou a sua educação.

Aos 18 annos era já encarregado dos estudos da 1.ª secção dos caminhos de ferro portuguezes até Santarem.

Em 1868 fazia a planta topographica de Lisboa, restaurava o Hotel Central, e introduzia o asphalto em Portugal, assentando-o elle proprio na rua do Alecrim, primeiro passeio em que foi applicado em Lisboa.

Desempenhou depois outros trabalhos de construcção: construiu a estação do caminho de ferro em Santa Apolonia e outras obras d'arte na secção.

Levantou as plantas topographicas das propriedades do fallecido José Maria Eugenio de Almeida, no Alemtejo, assim como as



MODAS

de 20 mil hectares de terrenos das propriedades que possui na mesma provincia o sr. Margiochi.

Em 1874 foi encarregado de levantar a planta topographica da cidade de Coimbra e de fazer o respectivo nivelamento.

De 1876 a 1880, levantou a planta topographica de Lisboa, com nivelamento, e todos os detalhes, para a commissão dos melhoramentos da capital.

Em 1883 levantou a planta topographica da cidade de Braga, sendo este trabalho o mais completo no seu genero, que existe em Portugal.

Em 1886 foi nomeado por mr. de Laboulay, então ministro de França n'esta côrte, architecto da Legação Franceza, e encarregado de construir o hospital francez ao Rego e de restaurar o asylo de S. Luiz e a sua egreja, situada a Santa Martha.

Actualmente achava-se restaurando o palacio do conde de Penamacor, hoje propriedade de mr. Bartissol, e encarregado pelo mesmo senhor do projecto e construção da estação central dos caminhos de ferro portuguezes na Avenida, projecto magnifico, em rigoroso estylo Manuelino, que a morte lhe não deixou pôr em execução.

Francisco Goullard foi um homem trabalhador, intelligente e honrado.

SANT'ANNA E VASCONCELLOS

(Visconde das Nogueiras)

Receheu-se ha poucos dias em Lisboa a noticia de ter fallecido em Washington o visconde das Nogueiras, ministro de Portugal nos Estados-Unidos.

Essa noticia, geralmente recebida com profunda tristeza, veio fazer lembrar as proezas de valentia e de audacia de Sant'Anna e Vasconcellos, o elegante e o luctador, o estroina e o perfeito cavalheiro, que teve todas as violencias e todas as dedicações, todos os arrebatamentos d'um caracter fogoso e todas as delicadezas d'uma grande alma.

N'uma excellente biographia queahi corre impressa, depa-ram-se-nos os seguintes traços do perfil de Sant'Anna e Vasconcellos:

«A figura do distincto diplomata, como a de Cunha Sotto Maior, é hoje quasi lendaria. Pertence áquelle cyclo romanescos e heróico, que se fechou com a terminação das nossas contendas civis, e com o encerramento do celebre *Café Marrare*. Mocidade ardente, atrevida, intelligente, irrequieta, que sabia affrontar a morte e amar a liberdade, defender o povo e revolucionar uma platéa de theatro, sentir todos os enthusiasmos politicos, e praticar todas as estroinices e todas as loucuras, e tudo isto alegremente, intrepidamente, com uma audacia e um despreendimento, que hoje parecem quasi inverosimeis.

Sant'Anna e Vasconcellos tinha o porte, a estatura, a expressão de physionomia completamente harmonicas com a fama da sua coragem e com o renome da sua audacia. Era um homem alto, espadado, mas desempenado e elegante, peito largo e bombeado, andar firme e resolutivo, feições correctas e accentuadas, a cabeça erecta, com uma certa expressão de altivez quasi provocante, temperada apenas pela bonhomia do sorriso largo e franco, que lhe illuminava toda a physionomia. As mãos delicadas e aristocraticas, a *toilette* despreteuciosa e naturalmente distincta, e a fidalga gentileza das maneiras, tiravam todo o sabor de valentão de viella a este bello homem, que, além de tudo mais, era um janota, um *gentleman*.

Foi poeta, e chegou a publicar um volume de versos, intitulado *Patria e Amor*; foi funcionario intelligente, e deu a estampa um estudo sobre os nossos impostos indirectos; foi deputado, e os seus discursos na camara não constituiram apenas declamações violentas e apaixonadas, mas tiveram muitas vezes inspirações felizes e reptos admiraveis; foi jornalista, e os seus artigos, escriptos com a vehemencia que era inseparavel do seu caracter de luctador, patenteiam grandes aptidões litterarias e notaveis dotes de polemista. Tudo isto é assim, mas tudo isto passou, perdeu-se, diluiu-se na memoria inconstante e capichosa do publico. O que ficou foi a recordação das suas proezas, o echo das suas estroinices, a lembrança dos seus desvarios, porque foi essa parte da sua agitada vida a que mais impressionou aquelles que o conheceram, a que mais ruido levantou em volta da sua personalidade, a que lhe creou a lenda que hoje existe na opinião geral.

Jacinto Augusto de Sant'Anna e Vasconcellos entrou na carreira consular em 1872, sendo nomeado consul de primeira classe para o Perú, onde esteve até março de 1875, em que regressou a Lisboa, no gozo de licença.

Transferido para a Bahia, não chegou a tomar posse, porque pouco depois (dezembro de 1876) era passado á classe diplomatica, por obter promoção, a enviado extraordinario e ministro plenipotenciario para os Estados-Unidos da America, para onde partiu em março de 1877.

Em novembro de 1886 recebeu ordem de ir ao Mexico apresentar ao chefe d'aquella republica as credenciaes que tambem o acreditavam ali como representante de Portugal. Cumpriu logo essa missão, e voltou em seguida a Washington, onde continuou no exercicio das suas elevadas funcções até que a morte lhe poz termo.

* * *

Jacinto Augusto de Sant'Anna e Vasconcellos, 2.º visconde das Nogueiras, era natural da ilha da Madeira, e filho de Jacinto de Sant'Anna e Vasconcellos Moniz Bettencourt, 1.º visconde d'aquelle titulo desde 1867.

Era socio correspondente da Academia real das sciencias, de Lisboa, e tinha as commendas da Conceição e Carlos III, de Hespanha.

NÉRO CONTEMPLANDO O CADAVER DE AGRIPPINA

Esta gravura é extrahida da *Historia de Roma*, de Victor Duruy, a que por mais d'uma vez nos temos referido com justissimo louvor no nosso semanario.

A estampa representa Néro contemplando o cadaver de Agrippina.

E' conhecida a historia d'aquella mulher celebre. Agrippina, filha de Germanicus, foi mãe de Néro e esposa de tres maridos, sendo o ultimo d'elles seu tio, o imperador Claudio. Ambiciosa, astuta, babil, não recuando diante de nenhum meio para chegar aos seus fins, envenenou Claudio e assentou Néro no throno romano. Agrippina quiz porém governar, mas Néro cançou-se do seu dominio imperioso e mandou matá-la.

MODAS

Damos hoje dois elegantes e despreteuciosos figurinos, um de *toilette* de passeio, para senhora, e outro de *toilette* para menina de quatro a seis annos.

1.º—Vestido de lã alvadia. Corpete *polonaise* formando tunica de duas pontas, aberta na frente. Corpete em feitio de suspensorios abrindo sobre um *plastron* de velludo preto; gola de rebuços, terminando em dois bicos.

Saia pregeada, com tiras de velludo ao alto; mangas justas, guarnecidas com bicos de velludo. Serve de complemento a esta *toilette* um chapéu *canotier*, guarnecido com uma fita bordada, que fórma um laço do feitio de um leque. Faz-se este *costume* com 11 metros de lã muito larga e 4 metros de velludo.

2.º—Vestido de lã de xadrezes. Saia armada em machos. Corpete comprido, preso á cintura com uma facha preta armada em pregas. A parte da frente é enfeitada com dois suspensorios de velludo, guarnecidos de renda. Mangas largas de canhão. Grande chapéu de feltro, Montpensier, adornado no alto com um laço de fita, applicado ao lado.

PRAIA DO MIXELHOEIRO—BOCCA DO INFERNO

A nossa gravura representa a praia do Mexilhoeiro, junto a Cascaes, e a celebre Bocca do Inferno, onde, no dia 2 de outubro de 1873, desejando examinar a famosa caverna, Sua Magestade a Rainha e os principes D. Carlos e D. Affonso, seus augustos filhos, correram risco de vida, ao crescer a maré e ao serem inesperadamente envolvidos pelas ondas.

Este acontecimento foi largamente descripto nos jornaes d'aquella epoca, pondo em relevo a figura ignorada e modesta do ajudante do pharoleiro da Guia, Antonio de Almeida Neves, de que ninguem hoje já se lembra.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

O reptil, no todo, causa rumor.—2—1

O adverbio, é tranquillidade, do adjectivo.—1—1

O fructo, do savel, é amoroso.—3—1

No meio da rua, e por cima do chão, dá proveito.—1—1

Circumdando a terra, este pronome é um Deus.—1—1

Na musica, tem o animal esta moeda.—1—2

Lamego.

CANINHA VERDE.

Só tu és o meu encanto,
Só tu és o meu amôr;
Imagem que adoro tanto,
Por ser dô:te o teu sabôr! —2

Tu és a luz dos meus olhos,
Mulher, tu és o condão;
Pois n'um caminho d'escolhos
Só me dás a salvação! —2

Cantada por Molière
Foste tu mulher louçan,
Como outr'ora a Valière,
Como outr'ora a Montespant!

V.zeu.

PEQUENO ANT NINHO.

P'ra que não se vá gabar
Que passou o Carnaval,
Sem eu, pulba lhe pregar
Sem equal:

Uma, vou, com cuidadinho
Co' esta charada encobrir;
E o leitor, como um patinho,
Vae cair.

Porém, que de brincadeira
Isto não passa, prometto;
Os pés, creia, n'algibeira,
Não lhe metto —1

Mas, com tanto alardear
Estou fazendo o meu descredito,
E assim não posso inspirar
Nenhum credito.—1

Terminar vou a charada;
Mas não julgue que a intriga
Que lhe estava destinada,
Foi cantiga.—2

Isso sim! Onde está ella?
—Venha venha tudo ao bodo!—
A grande embarriladella,
E' no todo.

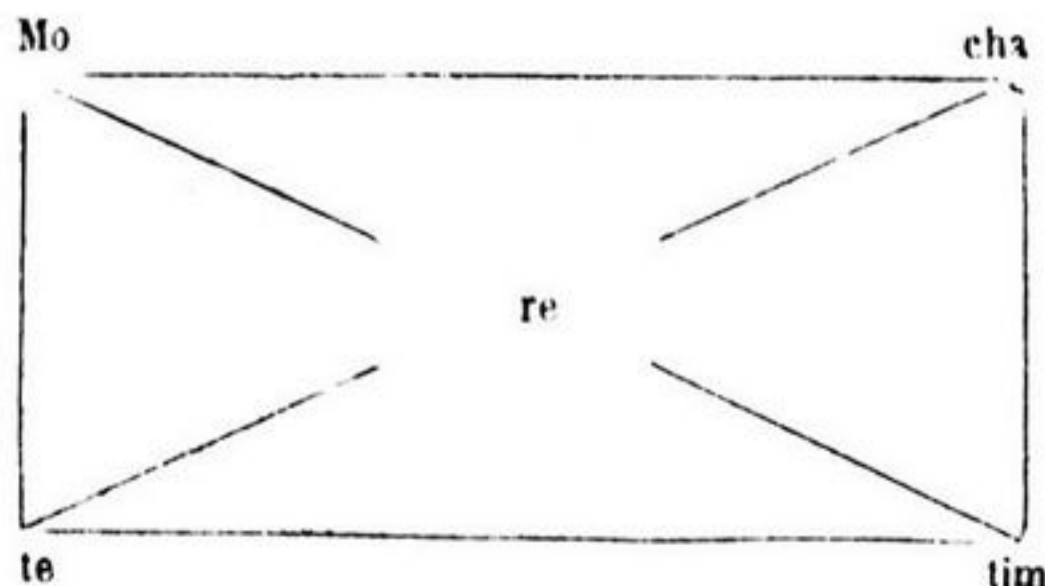
Olhe: Um pequeno pap'linho,
Primeiro, queira apanhar,
Para os dedos o amiguinho
Não sujar;

No todo em seguida pegue,
—Co'o petisco não embuche,—
E' bom, não é? hein? não negue!
Chuche! Chuche!

MATHRUS JUNIOR.

Decifrações

DA CHARADA GENIMBRUCENSE



DAS CHARADAS NOVÍSSIMAS: —Grajão—Diametro—Trovador—
Atafera—Albia—Pauliza—Ataca.

DO METAGRAMMA: —Corro—Dorro—Fôrre—Gorro—Jorro—
Morro—Porro—Zôrro.

A RIR

Um corcunda lamenta-se, dizendo que a sua enfermidade o torna ridiculo.

—Mas tu és tolo, responde lhe um amigo. Se fizeres o que eu te vou ensinar, ninguém verá a tua corcova.

—O que é então?

—Anda para traz, como o caranguejo.

Entre amigos:

—Imagina como estou contrariada. Tenho a desgraça de sonhar de rijo.

—Pois anda com muito cuidado, por que teu marido é muito ciumento.

—Não importa. Os dois tem o mesmo nome.

UM CONSELHO POR SEMANA

CONTRA OS CALLOS

Escreve um medico inglez:

«Esta cura radical é para mim tanto mais interessante, pois que data d'um anno, e é a applicação nova e inesperada d'um medicamento conhecido. Eu proprio sou o assumpto da minha experiencia, pelo que me dou duplamente por satisfeito. Cada uma das minhas durezas corneas alstra-se na parte externa dos dedos minimos dos pés; ha tempos, tive a idéa de experimentar o oleo phosphorado. Todas as manhãs humedecei, com um pequeno p'ncel, as meias n'esse sitio, com um pouco de oleo. Ao fim de quinze a vinte dias, tudo havia desaparecido. Sob a influencia do oleo phosphorado, a substancia cornea amollecera, e desligada um pouco espontaneamente, deu logar a uma pellicula macia, insensivel e que se muda de tempos a tempos.»

DIGNIDADE

II

(CONCLUSÃO)

—M.s... uma simples curiosidade: porque me fazes essas perguntas?

—Escuta-me: recordas-te de quando viviamos no Porto, d'aquelles deliciosos dias que ali passámos? Lembras-te do dia em que pela primeira vez encontrei Carlos em casa das Monteiros, da côrte assidua que elle me fez, dos versos que me dedicou, do amor que elle dizia sentir? Lembras-te tambem d'aquella noite em que fomos a casa do coronel, a uma reunião que elle deu, e não te esqueceste ainda certamente, do desgosto que tive quando a D. Philomena me disse que a filha do Castro estava para casar com um rapaz que era official de cavallaria e amigo intimo do governador civil... Deves ainda ter bem fixo na memoria que, seguindo a minha opinião e os teus conselhos, mandei-lhe no outro dia pedir as minhas cartas... Quando m'as remetteu, nem uma justificação, nem uma palavra de amor! O homem que eu tanto amára deixava-se accusar, provando-me com o seu silencio que tinha na realidade commettido a maior das cobardias:—a traição!...

—Nunca te ouvi fallar de Carlos tão indignada!...

—E' porque até hontem não tinha, relativamente, as razões que tenho hoje: Carlos, a quem eu conservava, apesar de tudo, bastante amor, hontem, estando eu n'um baile e tendo a infelicidade de o encontrar, notei que me fitava de uma maneira tão insistente, que levou o visconde de... a perguntar-me se eu o conhecia. Agora responde-me, Alice, não tenho razão para estar indignada?

—Mas, minha boa Luiza, como podes tu affiançar que Carlos te reconheceu? Nota que sabiste do Porto ha nove annos, que a paixão que calcas no intimo da alma te tem emmagrecido e que não pareces a mesma...

—Não o desculpes, isso é inverosimil: não havia logo de se dar o caso de elle olhar para mim sem me ter reconhecido.

—Senhora baroneza,—disse n'aquelle momento a criada, levantando o reposteiro,—está lá fóra um sujeito que deseja fallar

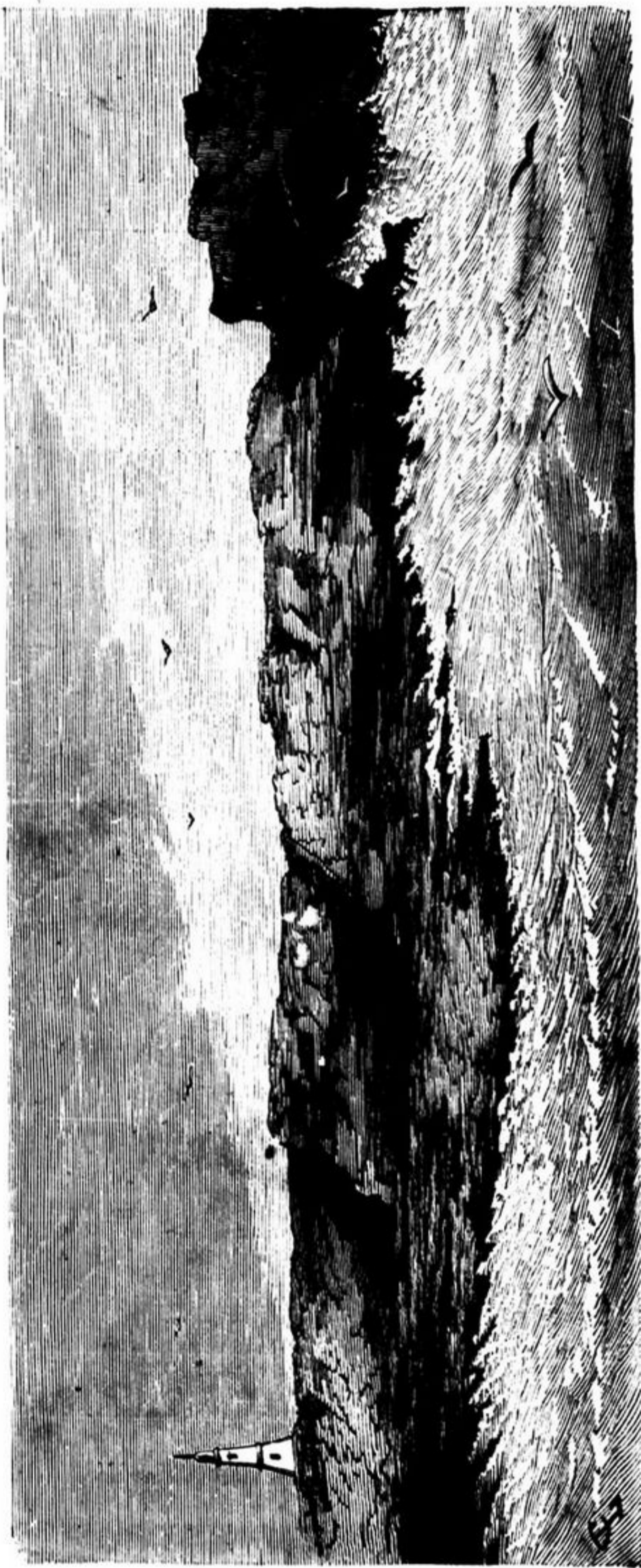
a v. ex.^a,—e apresentava-lhe uma salva de prata, na qual se via um cartão de visita:

Carlos Rezende

leu a baroneza.

—Carlos!... Elle!... Alice, tu não vês isto? Carlos em minha casa!... E dizias tu que me não tinha reconhecido! Mas isto é a maior das villanias!...

E, voltando-se para a criada, disse-lhe, trémula de raiva:



PRAIA DO MENILHOEIRO — BOCCA DO INFERNO

—Diga a esse senhor que a baroneza de Campo Bello não recebe em sua casa in...

—Não recebe?!—interrompeu Alice Duval estupefacta,—O que? pois não o queres receber?! Mas isso é que não é proprio da tua dignidade, Luiza...—e, olhando para a criada, que esperava ainda junto da porta:

—Mande entrar esse sujeito para a sala de visitas e diga-lhe que a senhora baroneza já o vae receber.

A criada retirou-se.

—Tu estás louca, Alice! Mandas entrar em minha casa aquelle homem e exiges que eu o receba!

—Deves ir, sim: ou Carlos te reconheceu ou não: se não reconheceu e vem tratar de alguma cousa que nós ignoramos e que é alheia ao teu coração, recebe-o como se nunca o tivesses visto; se te conheceu e tem a audacia de te vir fallar de amor, despreza-o. E' esta a minha opinião e o que eu entendo que toda a mulher digna deve fazer. O não queres ir, revela uma fraqueza bem pouco lisongeira para o teu caracter orgulhoso...

—Ah! minha cara amiga, bem se vê que não amaste nunca! Como posso eu recebe-lo e desprezal-o, quando no intimo da minha alma ainda existem restos de tanta affeição?!

—Que importa isso, Luiza? Esmaga no teu peito esse affecto, que não deve por forma alguma existir, e nunca accites a côrte de um homem que te desprezou... Acima do amor está a dignidade! Vae, minha amiga, vae, e não te esqueças d'estas palavras. Espero aqui o final da tua entrevista.

A baroneza deu um beijo na sua amiga e dirigiu-se para a sala.

III

Carlos, de pé, encostado á pedra do fogão, contemplava absorto um retrato de Luiza, que havia na parede fronteira. A' chegada da baroneza, voltou-se rapidamente e cortejou-a.

Elle indicou-lhe um *fauteuil*.

—Posso saber o motivo da sua visita?

—Minha senhora, v. ex.^a deve, certamente, admirar-se da minha entrada n'esta casa sem ter tido a honra de lhe ser apresentado, mas um caso imprevisto obriga-me a proceder d'este modo. Hontem, ao sahir do baile do commendador Villar, encontrei no chão, junto da porta da rua, um leque; examinando-o, reconheci que era o de v. ex.^a

E Carlos entregou o leque á baroneza.

—Creia que fico extremamente agradecida á sua amabilidade e confesso que ainda não tinha dado pela falta d'elle.

—N'esse caso felicito-me não só de ser o portador d'um objecto que certamente v. ex.^a tem em grande estimação, mas tambem por lhe ter poupado um desgosto.

—E' muito amavel... Mas como soube v. ex.^a a minha morada?

—Como soube?! Ha por acaso alguém que ignore a morada da baroneza de Campo Bello, uma das senhoras mais formosas de Lisboa? mas ainda quando não a soubesse, a sua belleza fascinadora levar-me-hia a procural-a até ao fim do mundo...

—Isso é um madrigal?—perguntou a baroneza, já mais á vontade desde que havia percebido que Carlos não a reconhecera.

—Não é um madrigal, não, senhora baroneza: não me julgue um d'esses homens que se divertem a conquistar todas as mulheres para depois as deixarem e rirem-se do amor que ellas lhe dedicaram... Eu, se disse que a amava, é porque o sinto no meu coração. Senhora, baroneza, adoro-a com todas as forças da minha alma! A vida, sem v. ex.^a, é, para mim, um martyrio, e eu prefiro mil vezes a morte a não ouvir dos seus labios uma palavra de amor!... Oh! diga uma palavra, uma só, e viverei feliz!

E Carlos deixou-se cahir de joelhos aos pés da baroneza, procurando beijar-lhe as mãos.

Luiza ergueu-se rapidamente, soltou uma gargalhada nervosa e exclamou:

—Senhor Rezende, observe-lhe que se esquece da sua noiva, a menina Eliza Telles, por quem deixou Luiza Marques, hoje baroneza de Campo Bello!...—E, indicando-lhe a porta da sala, intimava-o a sahir.

Era tão imperiosa a ordem d'aquella mulher erecta e firme no meio da sala, tendo no rosto todo o despeito e indignação de uma alma ferida, que Carlos nem teve animo para suster aquelle olhar nem desejos de retorquir, com a mais pequena replica áquella mandado tão soberanamente cathorico: sem mesmo comprehender o que fazia, pegou no chapéu e sahiu da sala.

No mesmo instante em que elle transpunha o limiar da porta, Alice Duval, que escutára todo o dialogo, escondida por detraz d'um reposteiro, corria a amparar a baroneza, que, não podendo dominar-se por mais tempo, vacillava, prestes a desmaiar.

—Animo,—dizia-lhe Alice, beijando-a affectuosamente,—sofres, muito embora, mas és uma mulher digna!

* * *

No dia seguinte, um dos diarios da capital dava a seguinte noticia:

«Suicidou-se hontem, com um tiro de revolver, o nosso amigo o sr. Carlos Rezende. Ignora-se o motivo que o levou a praticar aquelle acto. Enviámos á familia de s. ex.^a os nossos mais sentidos pezames.»

Lisboa, 1888.

ADELINA SAMORA DE ALMEIDA.